

MOSQUITOS MODIFICADOS

Poucas pessoas não tiveram um parente, um amigo ou um conhecido que não tivesse contraído dengue. Alguns até mesmo morreram, principalmente aqueles portadores de comorbidades respiratórias. A maioria da população, assustada com a epidemia, passou a comprar os mais diversos tipos de repelentes e a cuidar para que fossem eliminados possíveis criadouros do famigerado “*aedis aegypti*”, como insistentemente mostrava a televisão.

Sei que um estudo americano de pouco mais de um ano, consoante li em meu jornal diário, concluiu que a infestação dos mosquitos causadores da dengue tem relação com as mudanças climáticas provocadas, em última instância, pelo próprio homem, que ainda não aprendeu a respeitar integralmente a natureza.

Mas agora surgiu um caminho para se eliminar de vez a combatida doença. Conforme noticiou a prestigiosa revista Nature, o pesquisador brasileiro da Fiocruz, Luciano Moreira, conseguiu inocular nos mosquitos “*aedis aegypti*” uma bactéria que lhes é inofensiva, mas que impede a reprodução do vírus causador da dengue. Como essa bactéria passa para os ovos das fêmeas do mosquito, as gerações vindouras também já nascem infectadas por essa bactéria, tornando os novos mosquitos também inofensivos e fazendo dessa forma com que o método seja sustentável. Assim, aos poucos poderá diminuir a circulação do vírus causador da dengue entre a população, desde, porém, que esses mosquitos sejam soltos na natureza em grande escala. Mas para isso é necessário que se ampliem as “fábricas” de mosquitos modificados - consta-me que já existe uma em Minas Gerais - a fim de que gradativamente essa temível virose arbórea desapareça. O notável trabalho de Luciano

Moreira valeu-lhe justo reconhecimento e a indicação como uma das dez pessoas mais influentes no campo da ciência em 2025.

Já existe uma vacina de eficiência comprovada contra a dengue, com imunização por cerca de um lustro, o que constitui notável avanço. Contudo, ela não elimina o mosquito vetor da doença, obrigando o Poder Público a realizar frequentes campanhas de vacinação, que nem sempre alcançam a porcentagem ideal de vacinados. Por isso mesmo, a descoberta do cientista da Fiocruz constitui um avanço considerável, ainda que sua implementação constitua tarefa árdua e custosa.

Fico imaginando quantas outras descobertas sensacionais e de grande impacto poderão ser feitas por cientistas dedicados e inteligentes, desde que tenham condições materiais adequadas para isso. Algumas poderão constituir verdadeiros “pulos do gato”, fazendo com que se pergunte, com admiração, “como não pensei nisso antes?”. E mesmo que não sejam de grande impacto, mas que representem um passo à frente em qualquer dos diversos campos da atividade humana, devem ter apoio incondicional dos governos. Nessa matéria, que se pode afirmar ser uma política de Estado e não de Governo, é importante que não haja nenhuma interferência predatória tão ao gosto de muitos maus políticos, que sempre pensam só em “fazer nome” e tirar proveito próprio.

Como habitualmente faço, conversei com o Erasmo a respeito do tema. Ele primeiro elogiou o trabalho de Luciano Moreira, que teve a genial ideia de modificar os mosquitos para torná-los inofensivos. Mas depois acrescentou: “Naturalmente Luciano não trabalhou sozinho e teve a colaboração de uma equipe de cientistas da Fiocruz. E deve ter tido também a assistência de muitos espíritos focados na mitigação dos problemas que afligem a humanidade. Não que esses espíritos tivessem transmitido a formidável ideia ao cientista encarnado.

Os espíritos não são oniscientes, precisam também, como nós humanos, evoluir gradativamente. Porém, quase sempre nem chegamos a perceber como em muitas situações eles colaboram conosco”.

Erasmus não é o primeiro a me relatar a constante interação entre o mundo espiritual e o mundo físico. Vocês que me leem, também acreditam nisso?

**Viganó
darly.vigano@gmail.com**